

21º Congresso Brasileiro de Sociologia

11 a 14 de julho de 2023

UFPA

Grupo de Trabalho 14: SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE

Formação política, trajetórias juvenis e as Jornadas de Junho de 2013

Luís Antonio Groppo, Universidade Federal de Alfenas

Josefa Alexandrina Silva, Universidade Federal de Alfenas

Nikole Pereira Mendonça de Almeida, Universidade Federal de Alfenas

Luiz Carlos Felizardo Júnior, Universidade do Estado de Minas Gerais

Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Introdução

Esse trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa “Dimensões educacionais das Jornadas de Junho de 2013 no Brasil: Pautas educacionais, experiências escolares e formação política de jovens em protesto”. Trata dos resultados da pesquisa bibliográfica e de entrevistas com 4 pesquisadoras e pesquisadores das Jornadas. Como objetivo geral da pesquisa, temos a busca pela compreensão da relação entre as Jornadas e as demandas educacionais e as experiências escolares de jovens ativistas e militantes, bem como as dimensões formativas dos protestos – ou seja, a formação social e política de jovens suscitada pela participação nestes protestos.

Da pesquisa bibliográfica destaca-se o fato de encontrarmos 142 produtos a respeito das Jornadas em portais acadêmicos, dos quais 108 se referiam direta ou indiretamente às dimensões educacionais, que foram documentados. Estes produtos foram distribuídos em quatro blocos temáticos: I) Educação, juventude, identidade e subjetivações; II) Práticas militantes e ativistas e formas de organização; III) Tecnologias de Informação e Comunicação; IV) Análises gerais.

Dos resultados parciais desse expediente temos: indicativos da existência de processos tensos na configuração das Jornadas, situados entre, de um lado, expectativas e projetos políticos individuais e singulares, e, de outro, processos sociais, econômicos e políticos gerais. Também, encontramos ações coletivas juvenis nas redes sociais e pautas da diversidade, tais como as étnico-raciais e feministas, orientadas pelo coletivismo e pela rejeição das formas tradicionais de organização política de associações mais sedimentadas (negação feita desde os anos 2000, mas que ganhou força em 2013), que vieram a assumir diferentes direções; e o caráter analítico e descritivo dos trabalhos analisados, que muito contribuem para compreender o fenômeno e que, analisados em seu conjunto, revelam fortes indícios de um processo gradual de transformação nas formas de protesto de jovens.

O próximo passo da pesquisa foram as entrevistas de tipo semiestruturado com pesquisadoras e pesquisadores das Jornadas, orientadas por um roteiro com questões sobre sua interpretação geral das Jornadas, os processos de formação política, as trajetórias educacionais e políticas, bem como os desdobramentos no

cenário social e político do país. Este expediente tinha o objetivo de suprir algumas lacunas já identificadas a partir da pesquisa bibliográfica sobre as dimensões educacionais das Jornadas, considerando que a reflexão provocada nesses sujeitos poderia trazer importantes elementos para a continuidade da investigação, o que se confirmou. São previstas 16 entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores, tendo sido realizadas até o momento 10 entrevistas presenciais. Como critério de seleção, pesquisadoras e pesquisadores que tenham refletido de forma direta ou indireta sobre aspectos educacionais das Jornadas de Junho de 2013, ou tenham pensado o evento a partir da temática da juventude.

Apenas 4 entrevistas foram transcritas a tempo de serem analisadas neste trabalho. Uma delas, por iniciativa do entrevistado convidado, Sérgio Haddad, foi coletiva, pois ele trouxe dois outros pesquisadores para participar da sua entrevista (Gabriel de Pierro Siqueira e Renato Souza de Almeida). Portanto, temos as entrevistas com 6 pessoas consideradas aqui, listadas abaixo:

- Marília Pontes Spósito: professora aposentada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), entrevistada em 10/02/2023;
- Sérgio Haddad: professor aposentado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), assessor da Ação Educativa, entrevistado em 24/03/2023;
- Gabriel Di Pierro Siqueira: Coordenador da Área Juvenil da Ação Educativa. mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), entrevistado em 24/03/2023;
- Renato Souza de Almeida: Assessor da Ação Educativa, doutorando pela Universidade Federal do ABC (UFABC), entrevistado em 24/03/2023;
- Kimi Aparecida Tomizaki: professora da FEUSP, entrevistada em 30/03/2023;
- Paulo Arantes: professor aposentado da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), entrevistado em 04/04/2023.

As quatro entrevistas transcritas são de pesquisadoras e pesquisadores que residem na capital paulista, portanto, seus relatos enfatizaram as Jornadas em São Paulo. Se isso facilita a comparação entre os relatos para a análise deste

trabalho, limita nossa interpretação das Jornadas à experiência paulista que, mesmo que fundamental em 2013, não dá conta da multiplicidade e complexidade dos eventos deste ano.

Dividimos as análises produzidas em três temáticas: interpretação geral das Jornadas; experiência política e formação política; e influências nas trajetórias de ativistas e militantes. Cotejando as análises bibliográficas e entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores, temos produzido dados e informações que já orientam a pesquisa em sua terceira etapa: entrevistas com ativistas e militantes de coletivos e organizações que atuaram nas Jornadas, em sete diferentes estados de todas as regiões do país - Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Ceará, Goiás e Pará.

Interpretações gerais das Jornadas de Junho de 2013

Entre as interpretações gerais do fenômeno “Jornadas”, ganha relevância em nossa análise aquela feita por Paolo Gerbaudo (2017). Gerbaudo (2017) referencia as Jornadas como parte do ciclo global de protestos dos anos 2010, as “revoltas das praças”, e concebe a orientação ideológica principal do ciclo como uma combinação entre populismo democrático radical (o “cidadanismo”) e o autonomismo ou neo-anarquismo. Pablo Ortellado (2017) foi quem nos apresentou Gerbaudo. Ortellado, pesquisador-ativista brasileiro, defendeu um legado progressista das Jornadas, exposto nas ocupações secundaristas de 2015 e 2016. No mesmo sentido, o sociólogo marxista Rui Braga (2017) destaca as greves de jovens do “preariado” já em 2013, além da continuidade das ações dos Comitês Populares da Copa e movimentos urbanos de ocupação.

A análise da experiência política e da formação política, aqui feita, também parte das considerações de Alonso e Mische (2017) sobre a importância do repertório autonomista e da prática ativista na latência e nas primeiras fases das Jornadas. A análise se inspira também nas indicações de Pinheiro-Machado (2019) sobre a forma ambígua com que foi assumido o populismo democrático radical em Junho, a ponto de poder ser em parte assimilada por um crescente campo ativo da extrema-direita. Trata-se de um elemento pouco aprofundado por Gerbaudo (2017), ainda que antevisto também no *Nuit Debout* na França em 2016: uma

ambiguidade política entre manifestantes e as pautas, que cresceu conforme se agigantavam os protestos.

Partindo para as entrevistas, temos que as Jornadas de 2013, como fenômeno social, suscitam diferentes interpretações entre pesquisadoras e pesquisadores, mobilizando diferentes pontos de análise. As interpretações focalizam a mudança nas formas de ação coletiva de jovens, o pioneirismo do Movimento Passe Livre (MPL) e o reflexo das lutas internacionais. São interpretadas as mudanças na sociedade brasileira que resultam da institucionalização da esquerda, novas formas de organização dos grupos religiosos e o crescimento da direita. Também são consideradas as próprias contradições sociais geradas pelo avanço da democracia e o aumento da escolarização das camadas populares.

As jornadas são vistas como movimento que potencializou novas formas de organização juvenil, criadas pelos coletivos que atuam de maneira horizontal, sem hierarquias e com pautas identitárias, promovendo a diversificação ideológica das e dos jovens. Mesmo considerando que há diferenças entre os coletivos, as pessoas entrevistadas reconhecem a ação precursora do MPL no movimento, ao mesmo tempo que reconhecem que as Jornadas foram muito para além da luta em torno do aumento das passagens de ônibus.

O MPL se organizou como movimento no Fórum Social Mundial em 2005. Sérgio Haddad (2023) identificou semelhanças entre as cartas de princípios do Fórum e do MPL. O pesquisador, que estudou os processos educativos do MPL, afirma que chamava atenção a utilização de mecanismos não hierarquizados de organização, sem a presença de chefes e identificação de quem comandava, como afirma a seguir:

[...] tinha muitos elementos do que tradicionalmente se chama de Educação Popular, é horizontalidade, troca de saberes, processos em que as pessoas não tinham hierarquia, não havia um que sabe outro que não sabe, quer dizer essas características da Educação Popular. ,Mais interessante é que nenhum dos participantes tinha ouvido falar sobre Educação Popular. (Haddad 2023).

Essas características também estiveram presentes em movimentos como o *occupy* nos EUA, movimento estudantil no Chile, o movimento dos indignados na Espanha e Primavera Árabe. Arantes (2023) avança na análise ao reconhecer a existência de um espírito de época:

[...] embora todo mundo comece a fazer associações com as ocupações americanas, primaveras Árabes, movimento dos indignados, é inegável que há uma... não bem uma convergência, porque os programas eram diversos, mas há uma coincidência no espírito de época, que é o diagnóstico de que o sistema de representação política que foi montado no imediato pós Segunda Guerra Mundial ruiu.

Para Arantes (2023) as jornadas de junho 2013 em São Paulo, apanhou todos de surpresa, menos o MPL que acreditava no potencial de mobilização do movimento, formado basicamente por jovens estudantes sob uma perspectiva autonomista, sem partido político. Por sua vez, Sérgio Haddad (2023) afirma que as ações do MPL não foram planejadas e nem organizadas de um modo consistente, com estratégias claras de ação e formação política. As ações eram construídas na luta, no enfrentamento da forte repressão policial que se abateu sobre o movimento em São Paulo.

Pelo volume de pessoas que foram às ruas, o enfrentamento da forte repressão policial e suas pautas, as jornadas de 2013, são consideradas marco na reconfiguração das lutas sociais no Brasil, que fez emergir as contradições políticas, sociais e econômicas do país.

Sob a perspectiva de classe, os manifestantes das jornadas eram jovens do precariado, como afirma Arantes (2023)

Na Paulista, quando engrossava o caldo das manifestações que antecederam a revogação da pauta da tarifa, quando engrossava o caldo por volta das 17h, 18h da tarde, era o pessoal que saía dos escritórios e das birocas lá, da informalidade, do meio salário, salário-mínimo e assim por diante, que iam lá.

As jornadas de junho de 2013 podem ser compreendidas como um movimento geracional, revelando uma cisão entre esta nova esquerda horizontal e o campo progressista capitaneado pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Nesse sentido, atua como um divisor de águas, como afirma Arantes:

A oposição entre progressistas e esquerda foi uma oposição entre jovens de periferia, até jovens de escola de rede pública, e o pessoal de cabelo branco, meio careca e progressista que era governo, que era governo mesmo sendo de esquerda, velhos, quadros antigos do PT. (Arantes, 2023).

Nas Jornadas de 2013, Spósito (2023) identifica a força de coletivos autonomistas e libertários, até então uma força política com pouca visibilidade social:

Chamou atenção a diferença entre os jovens partidários e os do Passe Livre. Acho que ficou mais explícito aqui em São Paulo essa cisão e essa convivência, mais ou menos tensa entre aqueles que a Ângela Alonso falou que tem uma orientação mais socialista e os anarquistas, os libertários. Eu acho que configurou um quadro que não era tão visível antes. (Spósito, 2023).

Na avaliação de Kimi Tomisaki (2023 p. 07), as Jornadas foram um movimento *divisor de águas* sob a perspectiva da nova cultura política trazida por autonomistas, marcada pela participação individual e não pelo chamamento das entidades representativas da sociedade civil, impossibilitando a identificação de quem chamava os atos. Na sua avaliação, essa nova cultura política prejudicou a esquerda mais tradicional de participar e disputar o protagonismo do movimento.

As Jornadas de 2013 expressam mudanças que se encontravam em curso na sociedade brasileira. Não é que ela inaugura, mas ele faz emergir coisas que estavam no subterrâneo da sociedade, como o descontentamento com os desvios de prioridades do gasto público, que se voltam para a construção de estádios e outros equipamentos para a realização da Copa e das Olimpíadas.

Para Spósito (2023), as Jornadas de 2013 foram um ponto de inflexão para a compreensão de alguns processos sociais. A esquerda tradicional capitaneada pelo PT teve um certo abandono do trabalho de base nas periferias, assim como substituiu a proposta de construção de um projeto socialista democrático por um projeto de poder institucional pautado na aliança com as oligarquias tradicionais.

O processo de institucionalização da luta política é assim analisado por Almeida (2023):

A gente tem um processo de muita luta, muito movimento, com os metalúrgicos, com os movimentos estudantis, o movimento popular de periferia da década de 1970 e começo dos anos 80 em que se gera a Constituição. Mas pós Constituição, a gente tem cada vez mais um processo de captura de institucionalização da luta social e mesmo do movimento Sem-Terra. Eu sou da geração dos anos 1990 que cresci vendo o movimento fazendo atuação, participei de ocupações do movimento, mas nos anos 2000 o movimento já era. Então, a gente começa a segunda década do milênio com um processo de uma política chata, completamente institucionalizada, tudo era tratado dentro dos gabinetes.

Isso permite afirmar que houve um esvaziamento do trabalho de base que abre espaço para o surto religioso pentecostal, que trouxe para a política institucional

novas atrizes e novos atores, que passam a disputar o espaço político com pautas conservadoras. Nesse sentido, as Jornadas de 2013 tiveram como legado o acirramento da disputa entre esquerda e direita e a ocupação da rua como espaço de fazer política.

Por sua vez, Tomisaki (2013) enfatiza em sua análise que as Jornadas, em seu início, expressam o descontentamento da juventude com a falta de perspectiva de ascensão social, evidenciando problemas estruturais da sociedade brasileira. Com base em levantamentos feitos pela imprensa durante as Jornadas, Tomisaki (2013) traça um perfil das e dos manifestantes e constata forte presença de jovens estudantes. Diante do alargamento da escolarização, criou-se uma expectativa muito forte de que as certificações trariam aumento da empregabilidade com melhoria nos rendimentos. No entanto, a forte expansão do ensino superior privado traz para o mundo do trabalho diplomas desvalorizados que não garantem melhoria na qualidade de vida das e dos jovens. Sem expansão do mercado de trabalho, resta aos jovens trabalho precário e mal remunerado.

Sobre as transformações sociais posteriores às jornadas, Almeida (2023), ressalta a emergência dos movimentos identitários:

E eu considero inclusive um marco histórico-cultural também, acho que a gente tem coisas que vêm depois de junho, que não tínhamos antes. Essa luta Feminista, Antirracista, as pautas LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans), isto explode também, vem junto. Óbvio que já havia um processo, mas elas ganham uma força e uma dimensão muito grande. (ALMEIDA, 2023).

Enquanto isso, as ocupações das escolas em 2015-16 são vistas por Arantes (2023) e Siqueira (2023) como continuidade das Jornadas. O movimento estudantil secundarista avança na audácia com as ocupações, com jovens enfrentando a repressão policial.

Houve dois anos depois as ocupações secundaristas em São Paulo. São filhotes de Junho. E deram um passo a mais. Junho ainda não teve ocupação, junho foi apenas luta de combate de rua, mobilização e o pessoal que foi pra rua. Assim, tirou gente que normalmente não sairia de casa pra ir pra rua. (Arantes, 2023).

As interpretações das Jornadas pelas e pelos depoentes enfatizam as influências das Jornadas nas recentes transformações políticas de nosso país. A partir da

novidade do MPL, as Jornadas recolocaram “a política nas ruas”, como afirmou Paulo Arantes (2013), ainda que impactando o próprio campo político-institucional, reconfigurando as posições da esquerda e da direita nos anos seguintes.

Experiência política e formação política

A pesquisa bibliográfica e a análise dos produtos referentes ao tema da experiência política e formação política nos levaram a formular importantes questões que serão levadas para a terceira fase da pesquisa (entrevistas com ativistas e militantes). Entre as questões: teria havido uma bifurcação nas juventudes, constituindo unidades de geração jovens mais progressistas e outras que aderiram à extrema-direita? Ou há um sentido unívoco nas Jornadas que, como herança, deixaram apenas o caminho aberto para a vitória da extrema-direita nas eleições de 2018 e a penetração de seus valores no tecido social brasileiro?

As próprias entrevistas, em suas interpretações gerais sobre as Jornadas, acima, indicam uma resposta mais favorável à bifurcação geracional, em consonância com a bifurcação político-ideológica. Em outros momentos das suas entrevistas, as e os depoentes desenvolvem estes aspectos, ao tratar dos processos de formação política durante as Jornadas.

Segundo Sérgio Haddad (2023), ainda que a pauta principal das Jornadas não fosse a educação ou a formação política, o movimento, por meio do MPL, ao reivindicar o direito à cidade ou o direito às ruas, reivindicava também o direito a se educar pelas ruas. Para Haddad, é exatamente nas ruas que as pessoas aprendem a fazer política e ativismo, testando e organizando formas de protesto. A juventude, segundo ele, começou a participar das Jornadas como parte do seu próprio processo de construção de identidades, e o fizeram por meio das lutas, “tomando porrada” e insistindo. Durante estes processos de organização e lutas houve também processos de formação política. .

Segundo Renato Almeida (2023), ali encontrávamos jovens militantes de vários tipos, se manifestando por vários motivos, trazendo consigo suas experiências. Em outras palavras, teriam havido “vários Junhos”, como um circuito de influências, contendo tanto grupos já organizados em partidos, com sólida

formação política prévia, quanto outros grupos e sujeitos que estavam ali pela primeira vez, por motivos diversos, incluindo descontentamentos difusos com a situação sócio-econômica e política e o desejo de identificação. Tais motivos, ao lado das inúmeras experiências possíveis nestes “vários Junhos”, acarretaram distintas trajetórias políticas, entre a participação pontual em uma ou outra manifestação e o engajamento militante (não apenas em organizações de esquerda, mas também nas de direita). Siqueira (2023) acrescenta ainda uma formação praticada *a posteriori*. Para ele, o processo educativo continuou a ocorrer, para um grupo importante de pessoas, por meio das redes sociais da Internet.

Haddad reafirma que, a partir das Jornadas, a direita e os conservadores descobriram a rua como um espaço político. Para Renato Almeida, em organizações e ações nas quais a juventude teve a possibilidade de se encontrar com intelectuais orgânicos e orgânicos, tanto de direita quanto de esquerda, foi possível um processo mais consistente de formação política. Onde não houve este encontro, entretanto, este processo não foi possível. Para Haddad (2023), desta forma, houve “quem aproveitou essa oportunidade de ampliar quadros [...], tanto da direita quanto na esquerda, que conseguiu seduzir grupos de pessoas para isso [...]”.

Para Marília Spósito (2023), a experiência dos jovens foi muito pouco trabalhada por intelectuais. O setor pesquisado com maior ênfase foi a juventude organizada, ligada a partidos políticos. Por essa razão, ela considera relevante o aprofundamento das temáticas e faz críticas à literatura feita logo após 2013, apressada nas respostas e incapaz de dar conta da complexidade e da grande incógnita que foram as Jornadas.

Spósito afirma que quem participou das Jornadas acabou tomando uma posição política mais definida, seja à direita ou à esquerda, dada o impacto do movimento como processo formativo. Atuaram na latência das Jornadas muitos fatores conjunturais, enquanto as elites dirigentes nacionais, então sob a hegemonia do PT, foram incapazes de compreender as causas da indignação das pessoas. Isso teria favorecido a atração de jovens para movimentos da direita conservadora.

Por outro lado, Spósito (2023) considera que o processo de formação política não se deveu somente às Jornadas. Trata-se de um processo que, muitas vezes, é influenciado por fatores e itinerários anteriores ao engajamento nos protestos ou em organizações, no qual atuam múltiplas fontes, tais como a escola, a família, a vizinhança, entre outros. Influenciam processos educativos formais e não formais, por vezes diretamente políticas, outras vezes indiretamente e mesmo não intencional. Por isso, Spósito (2023) prefere pensar em uma socialização política, na qual as próprias interações sociais agem como fator educativo. Ainda, esta formação política oriunda de múltiplas fontes pode se expressar não apenas como ativismo e militância, mas por meios diversos, como a arte.

Para se falar em formação política, Kimi Tomizaki (2023) chama a atenção para o lugar social que a pessoa ocupa. Segundo ela, dependerá muito do lugar e do grupo a que a pessoa pertenceu durante as jornadas para se conceber os processos de formação política. Para Tomizaki, os jovens podem ter se reconhecido tanto em grupos de direita quanto de esquerda, mas, a seu ver, houve pouca formação política nas Jornadas em si. Isto porque seu olhar sobre as Jornadas parte de uma perspectiva macro e, para ela, por se tratar de uma manifestação de massas, as e os jovens saíram dos protestos da mesma forma como entraram. É verdade que, segundo Tomizaki, muitas pessoas que eram ativistas e militantes, que convocaram e organizaram os atos de protesto, viam algum sentido nos atos e se conectavam ao que estava ocorrendo. Assim, ela conclui, acerca da formação política, que é importante observar os eventos considerando a posição que a pessoa ocupou nas Jornadas.

Contudo, se houve pouca formação política nas Jornadas, o evento pode ter sido aproveitado por certos grupos políticos, especialmente os da direita, para “juntar e arregimentar pessoas”. Para Tomizaki (2023), a direita soube capturar o movimento e, assim, as Jornadas de 2013 se tornaram o palco para seu destaque. A esquerda cometeu um erro em não se abrir a tempo para um diálogo com a cultura política que estava se construindo, não disputou o movimento adequadamente, apresentando respostas políticas ineficazes. O preconceito e a rigidez fizeram com que a esquerda se fechasse. A direita soube fazer do movimento um “laboratório criativo” para si. Tomizaki aponta como exemplo da

estratégia do MBL (Movimento Brasil Livre), que não existia com tanta força antes das Jornadas, mas usou dos protestos do MPL para oferecer sua própria formação política às pessoas e mantê-las consigo, capturando pessoas pela própria semelhança entre as siglas – apesar de estarem em pólos político-ideológicos opostos. Por sua vez, no campo da esquerda, o MPL saiu desgastado e talvez não tenha conseguido realizar um processo formador significativo.

Paulo Arantes (2023) também faz suas considerações acerca da formação política propiciada pelas Jornadas. Sob sua ótica, antes de mais nada devemos considerar o recorte geracional. Para ele, parte relevante das pautas de reivindicações foram feitas por jovens, jovens que saíam de seus trabalhos e das universidades e “engrossavam” a multidão. Arantes considera que parte destas e destes jovens já traziam suas formações políticas da academia, dos cursinhos populares (tanto discentes quanto docentes), e partidos políticos, e da militância no próprio MPL, ou seja, que viveram sua formação política no dia a dia. Outras e outros jovens, entretanto, viveram sua formação política ali mesmo, no calor das manifestações, como “uma estreia na vida política absoluta”:

[enfrentando] Cara feia, gás lacrimogêneo, ouvindo palavras de ordem de difícil compreensão, mas que foi compreendido. Em uma semana valeu um trabalho de formação de quatro, cinco anos, num período de escola normal em que você faz várias atividades no centro acadêmico e assim por diante. Eu não tenho dúvida. Ali se politizaram e descobriram a política que neste momento passa a ser tanto à direita quanto à esquerda [...]. (ARANTES, 2023).

Arantes (2023) afirma que pautas que eram relativamente unânimes no início de junho, se tornaram política de confronto entre direita e esquerda. A política passa a ser o que ela sempre foi, confronto e não gestão. Confronto de valores, de ideias, um choque.

Nesse momento, para esses jovens que foram para rua, a politização deles se completa quando descobrem que a política é esse choque de vontades, valores, de ideias, de visões de mundo. E tem valores negociáveis. E o Estado está do outro lado. Está batendo em mim, jogando bomba de lacrimogêneo em mim, está

apoiando os professores que estão querendo fechar a escola e vai deixar pro lado de fora, não querem ouvir o que a gente está dizendo [...] (ARANTES, 2023).

Os resultados parciais, tanto da análise da bibliografia quanto das entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores, apontam que os sentidos da formação política das Jornadas foram progressistas entre ativistas, militantes e manifestantes de primeira hora. Mas entre manifestantes de segunda hora, quando os protestos ganharam enorme vulto, os sentidos da experiência de protestar, assim como a própria formação política em meio aos protestos, são menos evidentes – e, provavelmente, muito mais diversos.

Influências nas trajetórias de ativistas e militantes

Para pensar o terceiro tema das análises, relacionado às trajetórias escolares e políticas, foi fundamental o diálogo com o tema da “multidão” (como coalizão de múltiplas identidades) nos produtos documentados, que buscaram implicar ideias de Hardt e Negri (2001) desenvolvidas originalmente para pensar o movimento antiglobalização.

Na verdade, contrapusemos, inspirados por Gerbaudo (2017), a noção de “multidão” com a de “subjativação política” de Jacques Rancière (1996). A subjativação política é um processo pelo qual se constituem sujeitos políticos – ainda que efêmeros – que afirmam a igualdade política substancial entre todas e todos, ou seja, o momento da política como “dissenso”, rompendo, ainda que provisoriamente, as fronteiras legitimadas artificialmente e defendidas pela “polícia” (os instrumentos de gestão e força das instituições de poder), que concebem as pessoas como desiguais. Inspirado pelos resultados de pesquisa que fizemos sobre as ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016 (GROPPO; SALLAS; SOFIATI, 2022), lançamos a hipótese de que, em 2013, assim como no movimento estudantil, foram preponderantes os processos de subjativação política nas experiências de manifestantes.

Entretanto, novamente, a subjativação política não negou os processos de reconstrução identitária, ao contrário, abriram espaços para suas manifestações e realizações. A hipótese inicialmente formulada é a de que ambas, subjativação política e reconstrução de identidades sociais, foram processos e experiências

que afetaram grandemente as trajetórias escolares e políticas desses sujeitos. Caso estas influências tenham sido, sobretudo, progressistas – autonomistas e democrático radicais – fica o enigma de como não puderam frear os retrocessos políticos e sociais dos anos subsequentes em nosso país, inaugurados pelos atos massivos em prol do *impeachment* de Dilma Rousseff já em 2015.

Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Essa expressão, comum e mesmo simplória, redundou nas convergências, nuances e caminhos pelos quais nossa análise da trajetória de formação política se revelou na análise da entrevista com pesquisadoras e pesquisadores.

A convergência analítica de quem entrevistamos, que gentilmente construíram um espaço em suas agendas, surpreende-nos mais pelos caminhos que informam e pelas especificidades contextuais que revelam, do que por suas conclusões sobre as Jornadas.

Isso porque, não encontramos dissensos entre as diferentes análises do ocorrido, embora diferentes tenham sido as abordagens da realidade pregressa, bem como os caminhos trilhados nas distintas formas de abordagem que fizeram. Aliás, antecipamos essa convergência como uma das conclusões do artigo.

Focalizar a trajetória das e dos jovens nas Jornadas nos leva a identificar os resultados da experimentação política, bem como a vivências dos vínculos nos protestos. Todavia, fica evidenciado que a vinculação política não é única em suas trajetórias, pois, os vínculos que ali se formaram não são definitivos.

Em se tratando de jovens, segundo Marília Spósito (2023), embora existam dentre esses, aqueles que participam de forma contínua e mais fidelizada, é comum também sondagens, mudanças e experimentações, nas quais as vinculações não se constituem como uma profissão de fé. Nesse sentido, assim como as demais pessoas entrevistadas, ela salienta diferentes fontes de formação política na trajetória de jovens naquele contexto, não havendo, assim, uma única orientação.

Situando as Jornadas num contexto de reconhecimento de insuficiência da escola como único espaço educativo, assim como dos movimentos autônomos que aconteciam na periferia das cidades, a formação decorrente de ações, tais como saraus, cursinhos pré-vestibulares, o embrionário carnaval de blocos, ciclistas, agregaram-se, nas Jornadas, pautas como “passe livre”, “direito à cidade”, “direito

de circular na cidade”, entre outros. Sérgio Haddad (2023) e Di Pierro (2023) lembram as insatisfações e o enfrentamento autônomo de jovens à realidade de carências, compreendendo as Jornadas de 2013 em São Paulo como a culminância de expressão das insatisfações, a qual reivindica a resolução de diversas questões no espaço público de forma difusa.

Nesse sentido, em relação às diferentes fontes de formação, a citação de Paulo Arantes (2023) feita aqui na página 12 é exemplar. Dessa forma compreendida a formação, se destacam as indicações de Marília Spósito (2023) ao considerar que a formação política nem sempre se dá como uma atividade intencional e sistemática, ou projetada, avançando para a ideia da socialização política. Ressalta-se a partir do que disseram os entrevistados que, para além da diversidade das e dos integrantes, parte relevante destes, sem vivências de um processo de formação política orgânico, experienciaram a construção de uma unidade que se constituiu na trajetória da luta, de um lado, e de outro pelo acúmulo de jovens que já vivenciavam processos de formação política em diferentes fontes e distintos espaços coletivos, partidos, movimentos estudantis e outros.

Todas as entrevistas consideram que as ocupações secundaristas que aconteceram em 2015 e 2016 estão inerentemente ligadas aos protestos de 2013 e foram importantes porque romperam com a normalidade, ao levar “a política de volta para a rua!”, como sintetizado na fala de Paulo Arantes (2023). Ou seja, a ocupação das ruas pelas pessoas descontentes com os caminhos que estavam sinalizados para o país, dentre as quais, as necessidades de investimentos na saúde, educação e transporte, enfim, pela efetivação de diferentes direitos constitucionais, mas também, não menos importante, pela ética na política.

Contextualizado esse processo, ressalta o Paulo Arantes (2023) que os tensionamentos entre progressistas e esquerda política foi geracional. Segundo ele, a configuração marcava uma oposição entre jovens de periferia, de escolas da rede pública, cursinhos populares e mesmo jovens de rede privada, e o pessoal mais velho e pró-governo. Esses não compreenderam, não conseguiram ou não quiseram assimilar a demanda expressa nas ruas.

É nesse sentido que, independentemente das ambiguidades que caracterizaram as reivindicações, os posicionamentos governamentais, violência policial, fechamentos de metrô, respostas inadequadas às demandas e mesmo a tentativa de desqualificação dos movimentos e das reivindicações contribuíram para o fomento e a visibilidade de disputas política entre progressistas, abrindo o espaço para a ação de grupos conservadores e reacionários.

Esse aspecto marca as Jornadas 2013, tendo em vista que essa disputa abriu margem para a popularização de movimentos conservadores e mesmo reacionários, com consequências políticas sérias ao país. Segundo Haddad:

[...] a partir dessas Jornadas, a da direita, os conservadores descobriram a rua com espaço de política. Coisa que só tinha acontecido lá na marcha, pré 64, nas manifestações das senhoras contra o comunismo. Acho que a direita nunca colocou tanta gente nas ruas como nos últimos cinco, dez anos. (HADDAD, 2023).

Nessa linha de pensamento, depreendemos o ganho formativo para a sociedade da democracia, evidenciado pela expressão da ampla participação das ideias na cena política. Esse aspecto educativo e formativo das Jornadas também foi explicitado na leitura extraída da fala de Paulo Arantes (2023), que nos auxilia na compreensão desse aspecto, já trazida aqui na página 12, a qual afirma que a política sempre foi confronto.

Num sentido amplo é a democracia e pela democracia que as ideias estão manifestas nas ruas, a experiência de viver a descoberta da política pela participação é formativa para a juventude. A tomada das ruas, com suas reivindicações amplas, grupais, e até mesmo individuais são formativas, assim como também é a experiência de livremente se manifestar, encontrando nas ruas seus iguais e diferentes, bem como o embate entre os diferentes.

Nesse sentido, foi consensual que as manifestações, seu processo de construção para além da contribuição para a formação política de jovens, independentemente do espectro político ao qual aderem, recolocam “a política na rua” e marcam historicamente um divisor de águas do ponto de vista simbólico. Nessa linha, assim como os outros entrevistados, Tomizaki (2023) ressalta compreensão das Jornadas como o ponto de viragem em relação a esse lugar de falar, de olhar

para um governo que não estava dando certo porque era um governo corrupto, porque não estava dando as coisas que prometeu.

Outro aspecto consensual e relevante a ser considerado em relação às trajetórias formativas é a compreensão de que, individualmente, muitos desses jovens vivenciando o contato com a diversidade em movimentos organizados ou não, acabam por mudar sua trajetória. Isso se deu tanto pela identificação das contradições inerentes aos movimentos orgânicos ou organizados, quanto pela descoberta de novas possibilidades para suas vidas, aspecto esse que tem modificado trajetórias escolares, cursos e mesmo posturas diante de si e do mundo.

As redes sociais consideradas em seu potencial educativo, político, organizativo e aglutinador foi outro aspecto importante para as Jornadas, reafirmado por todas e todos entrevistados, bem como as ressalvas em relação à dimensão democrática de sua utilização discernidas entre finalidades e formas de uso. Aspecto esse sobre o qual todos indicam pouco conhecimento e necessidade de estudo por sua relevância para compreender melhor o sentido das Jornadas.

Considerações finais

Os principais resultados da pesquisa bibliográfica e das primeiras entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores das Jornadas de 2013 apresentam importantes conclusões e, mais importantes, questões para a continuidade da pesquisa. Tratam dos sentidos políticos e sociais das Jornadas de 2013, assim como dos processos de formação política e das trajetórias educacionais e políticas de jovens.

Sobre os sentidos das Jornadas, se destaca entre as discussões a incógnita a respeito da bifurcação político-ideológica após as Jornadas: as Jornadas trouxeram a política de volta para as ruas, mas a politização das juventudes guardou caminhos inesperados e divergentes. Quanto aos processos de formação política, apesar de Tomizaki (2023) questionar a capacidade dos protestos formarem politicamente jovens sem engajamento prévio que foram às ruas de modo pontual, destacam-se reflexões a respeito da radicalização do ato político nas ruas e sua grande capacidade de formação política. Enfim, as trajetórias educacionais e políticas de jovens atuantes nas Jornadas, após 2013,

são o tema dos quais mais nos restam questões do que resultados, que a terceira fase da pesquisa, as entrevistas com pessoas que foram ativistas e militantes nas Jornadas, poderá responder: quais as influências da experiência de organizar e protestar em 2013 para tais ativistas e militantes em suas trajetórias de vida? De que maneiras, se reengajaram ou não em organizações políticas? Em outras esferas da vida, como trabalho, religião, cultura e família, estas influências foram levadas e ressignificadas? Como resultado, entretanto, temos que a geração juvenil que foi a linha de frente das Jornadas se diferenciou em ao menos duas unidades de geração: uma mais à esquerda, atuante desde o movimento das ocupações estudantis de 2015 e 2016; outra mais à direita, muito relevante na ascensão da direita nos anos recentes.

Referências

ALONSO, Angela; MISCHÉ, Ann. Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests. **Bulletin of Latin American Research**. v. 36, n. 2, p. 144–159, 2017.

BRAGA, Rui. Os sentidos de junho. In: _____. **A rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global**. São Paulo: Boitempo, 2017.

GERBAUDO, Paolo. **The mask and the flag**. Populism, citizenism and global protest. New York: Oxford University Press, 2017.

GROPPO, Luís Antonio; SALLAS, Ana Luísa F.; SOFIATI, Flávio M. **A presença da felicidade: ocupações estudantis no Brasil em 2015 e 2016**. Curitiba: CRV, 2022.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ORTELLADO, Pablo. “Cidadanismo” interrompido. **Folha de S. Paulo**, 20 jun. 2017. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2017/06/1894308-cidadanismo-interrompido.shtml>. Acesso em 10 fev. 2021.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

RANCIÈRE, J. **O desentendimento**: política e filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996.

Entrevistas

ALMEIDA, Renato Souza de. São Paulo, 24 mar. 2023.

ARANTES, Paulo. Entrevista, 30 mar. 2023.

HADDAD, Sérgio Haddad. São Paulo, 24 mar. 2023.

SIQUEIRA, Gabriel Di Pierro. São Paulo, 24 mar. 2023.

SPOSITO, Marília Pontes Spósito. São Paulo. 10 fev. 2023.

TOMIZAKI, Kimi Aparecida. São Paulo, 30 mar. 2023.